

O cristal da língua na alucinação

Mauro Cordeiro Andrade

Resumo

No âmbito dos estudos sobre a psicose, uma lição do *Seminário 3*, de Lacan, foi retomada, e ali, olhando mais de perto o famoso episódio da alucinação “porca” – em um caso de paranoia –, alguns problemas importantes de tradução do seminário foram avaliados. A partir do exame dos significantes da língua francesa presentes no relato que Lacan faz do episódio, pôde-se indagar e articular aquele fenômeno alucinatório com a metáfora freudiana do cristal da língua, que nos remete ao paradigma da estrutura e sua importância na psicanálise.

Palavras-chave: Estrutura. Cristal da língua. Significante. Alucinação. Psicose. Letra. Tradução.

*Se lançamos um cristal ao chão
ele se quebra, mas não arbitrariamente;
ele se parte conforme suas linhas de separação,
em fragmentos cuja delimitação, embora invisível,
é predeterminada pela estrutura do cristal.*
FREUD, Conferência XXXI

Um dos caminhos de estudo sobre a psicose na psicanálise nos conduziu ao texto de Lacan (1957-1958) *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*,¹ que contém, segundo o próprio autor, o essencial das duas primeiras partes (de três), do que fora dito no seminário do ano anterior (1955-1956), chamado por ele mesmo *as estruturas freudianas das psicoses* (*Seminário 3*). Esse seminário não é conhecido com esse nome. Seu estabelecimento oficial reduziu-o para *As psicoses*.²

No entanto, esse ponto acerca “das estruturas freudianas” é de uma importância tal, que já coloca a perspectiva em que se vai trabalhar, aqui, a ideia das “psicoses”.

Entre os variados pontos de resistência do texto, o primeiro foi acerca da alucinação, o que exigiu uma longa derivada de leitura de outros textos. E o fundamental: retornar ao seminário e localizar ali a lição em que Lacan trata especialmente dela através de um exemplo clínico. Esse exemplo, sim, é muito conhecido, citado e comentado. Trata-se da alucinação da palavra “porca”.

Em seu seminário, no encontro de 07 dez. 1955, Lacan faz o relato de uma apresentação de enfermos, conduzida por ele mesmo, em um hospital psiquiátrico de Paris, na semana imediatamente anterior à daquela lição. A leitura desse relato – a lição de 07 dez. 1955 do *Seminário 3* – comumente nos deixa bastante confusos, devido ao estilo de Lacan, marcadamente em uma apresentação oral: o relato é entrecortado frequentemente por comentários e digressões, além de uma outra confusão entre discurso direto e indireto, que estão ali combinados de forma muito pouco clara. De qualquer maneira, o essencial para nosso propósito aqui é examinar, mais de perto, apenas o ponto referente à obtenção do exemplo de uma alucinação que Lacan consegue obter ali, em uma experiência como uma apresentação de pacientes e, posteriormente, levada a seu seminário, onde será contada, através de um relato oral. Isso tudo já demonstra a estrutura muito complexa, em vários níveis, dessa comunicação no seminário.

Trata-se do seguinte: em uma difícil conversa com a jovem enferma internada ali no hospital, devido a um caso de “delírio a dois”,³ a moça, em um certo momento, diz alguma coisa sobre ter escutado uma injúria, um palavrão, em uma certa circunstância de seu dia a dia. Tal palavrão era tão horrível e nefasto, que ela própria não tinha coragem de pronunciá-lo. A conversa segue, e o entrevistador consegue saber, um pouco mais adiante, o que a moça, ela própria, havia pronunciado, no instante imediatamente anterior àquele da audição da injúria impronunciável. Ela diz: “*je viens de chez le charcutier*” (“eu venho do salsicheiro”).

Após algum rodeio, para alguns comentários, Lacan diz a seus ouvintes, no seminário:

[...] ‘*Je viens de chez le charcutier*’, si on me dit qu’il y a quelque chose à comprendre, je peux tout aussi bien articuler qu’il y a là une référence au cochon, je n’ai pas dit cochon, j’ai dit porc [...].⁴

Ou seja, ele rememora a frase da paciente e articula seu pensamento que, enfim, é falado para o auditório. Ele, ali, como de resto em todos os quase trinta anos de decurso de seu seminário, está “pensando alto”, como dizemos comumente. E é curioso, após ter em mente a frase dita pela moça, ocorrer-lhe a primeira palavra em sua língua, de uso mais frequente, associada à ideia trazida pela frase: *charcutier* - *cochon* (salsicheiro - porco), para imediatamente dizer que não, ele não disse *cochon*, ele disse *porc*. O que pensar dessa última frase? Por que ele nos afirma isso? Faria alguma diferença pensar em *cochon* ou *porc* naquele momento, diante da frase da paciente?

O fato é que – ele segue dizendo no seminário – após ter dito *porc* para a moça, na sequência da conversa entre os dois, não ocorrera nenhum efeito positivo ou esperado, no

sentido de uma boa continuidade da entrevista, que lançasse alguma luz sobre o enigmático da palavra alucinada e ainda não dita por ela, e a frase já pronunciada. Ela até se mostrara de acordo e satisfeita, causando no entrevistador a impressão de que era aquilo mesmo que queria que ele compreendesse.

Lacan faz aqui, toda uma crítica ao fato de que, no âmbito da compreensão, do sentido, ou ainda, da semântica, pode-se compreender, mas não atingir o verdadeiro. E demonstra estar ainda intrigado com as palavras da moça, pois segue seu discurso, junto a seus ouvintes:

[...] *car ce qu'il s'agit précisément de comprendre c'est pourquoi on donne quelque chose à comprendre. C'est à cela qu'il faut que nous arrivions, c'est là le point essentiel, c'est pourquoi elle a dit: 'je viens de chez le charcutier' et non pas cochon.*⁵

Afirma estar diante de uma pérola [...] e segue entremeando seu próprio discurso ao relato do que fora o discurso dela. E então surge o que nos parece uma outra pérola, que ficou pouco expressa no texto do seminário,⁶ e que consiste em um manejo específico da entrevista com a paciente, e que pode lançar luz sobre o enigmático do momento anterior, quando Lacan diz *je n'ai pas dit cochon, j'ai dit porc*.⁷

A pérola a que se refere Lacan é, precisamente, o fato de a paciente “soltar”, enfim, a palavra alucinada, e deixada, até então, no estado de impronunciável, dado a carga de injúria e ofensa que carregava. E ainda o fato de que o que ali ocorrera lembrar-lhe a importância da descoberta das alucinações psicomotoras (na história da psiquiatria), mediante a observação de que alguns pacientes queixosos de alucinações auditivas demonstrarem movimentos dos lábios ou da garganta, revelando assim, que eles mesmos articulavam as alucinações.

Trata-se de *truie*, a forma feminina para *porc* na língua francesa.

A pérola, para nós, é a operação realizada por ele, a um certo ponto da entrevista: ele mesmo pronuncia a frase, dirigindo-se à moça: *je viens de chez le charcutier*. E então, ela se solta: *truie*.

Apesar de todos os rodeios e comentários que aparecem nessa aula, podemos reduzir o que ele isola como exemplo clínico – ao longo de diversas páginas de transcrição de sua fala no seminário –, a um fragmento, ou melhor, a dois.

Estamos diante de um autêntico caso clínico com o selo de Lacan.⁸

Uma frase; uma palavra.

Consideramos um pequeno achado o fato de a relação entre frase e palavra – na versão francesa do seminário – revelar-se bem mais complexa e significativa do que a que encontramos como resultado da tradução ao português.

Na língua francesa o fragmento clínico é:

– *Je viens de chez le charcutier* (eu venho do salsicheiro/ açougueiro).

– *Truie!* (porca!).

O pequeno achado: *truie* é um anagrama de metade da última palavra da frase que se proferira na paciente ...*charc/utier*. E mais: trata-se de uma ofensa gravíssima a uma mulher, no sentido sexual. Algo como “cadela!”, ou “piranha!” em nossa língua.

Esses dois aspectos são completamente perdidos na tradução brasileira.

Podemos supor que nem Lacan, naquela lição, nem os demais psicanalistas de língua francesa que comentaram essa passagem, tivessem de ressaltar o campo de conotação da palavra *truie*, por ser ele evidente para os falantes dessa língua. E o que mais nos surpreendeu, então, foi o fato de não termos encontrado nenhuma referência que valorizasse essa operação complexa – hipótese nossa –, de um corte e um anagrama no caso dessa alucinação verbal.

Voltando à leitura do caso clínico em meio ao amplo e extenso discurso de Lacan no seminário: em algum momento da conversa, ao entrevistador ocorrer a repetir, ele mesmo, a frase dita por ela. E a operação foi bem-sucedida. Se é muito difícil supor o cálculo porventura envolvido diretamente ali, na condução da entrevista, é menos difícil imaginar a sutileza da escuta nos níveis de significante e letra. Pois Lacan já tinha se manifestado sobre o fato de que em seu espírito ocorreria uma oscilação entre *cochon* e *porc*, tão logo ele ouvira a paciente dizer “*je viens de chez le charcutier*”.

Por alguma razão ele preferira *porc* a *cochon*. Sua primeira tentativa fora dizer simplesmente *porc* à paciente. É isso que ele nos diz no seminário. Mas isso em nada resultara ali na entrevista. Sua segunda tentativa foi repetir toda a frase que havia se proferido na paciente, antes da audição da alucinação. Então: o caminho *porc* – *truie* é muito mais provável, no sentido da lógica do significante, e até mesmo da letra, do que *charcutier* – *cochon* – *truie*, já que *cochon* tem seu feminino em *cochonne* (porca também).

Fierens faz a leitura que se segue, desse episódio, em seu livro “*A lógica do inconsciente*.”⁹ *Je viens de chez le charcutier* é uma frase que, inteira, vale como S₁. A frase é alusiva, já que traz o sujeito do enunciado (*je*) e, portanto, podemos nos perguntar: quem é visado nesse *je*?

A princípio ninguém, à espera de uma atribuição subjetiva, sobrevinda com um S₂. Esse *je* pode ser tanto a moça quanto a mãe ou o amante da vizinha.¹⁰ E o autor segue assim: “Mas ‘*truie*’, em sua dimensão de injúria, esqueceu o traço de S₁ e simplificou a polifonia de S₂; a

alucinação propriamente dita aparece como uma redução de S_2 , refrão e ladainha de uma sinfonia perdida.”¹¹

Mais adiante acrescenta: “A alucinação, longe de se situar em um campo onde o significante faltaria, é precisamente fixação do significante em palavra, termo (*mot*).”¹² E, assim, ela fecha o deslizamento da cadeia, de nada adiantando querer reanimar essa palavra em significante, para recuperar a continuidade do deslizamento.

Fierens está trabalhando os dois tipos de diferenças inerentes à lógica do significante, a diferença sincrônica (S_1) e a diferença diacrônica (S_2).¹³ E para esta última utilizou o exemplo da passagem conhecida de Lacan, no *Seminário 3*. O que mais nos interessa aqui, nesse exemplo clínico de Lacan, é interrogar uma outra diferença inerente ao significante e cuja hipótese é tratar-se da letra. Há algo no significante que sempre apaga uma marca do que nunca jamais existira. Uma rasura do traço. Não é essa uma das muitas definições de letra no pensamento de Lacan? Fierens diz que “*truie* esqueceu o traço de S_1 ”. Ou o esquecera de um fragmento de S_1 .

E o que pode haver de particular no anagrama? Sua escritura não é fonética (o que poderia resultar em assonância), nem semântica (o que poderia resultar em deslizamentos de sentido), nem silábica. Certamente é um rearranjo das letras, no sentido literal, de caracteres. É comum encontrarmos anagramas de palavras e frases com nomes próprios. Mas não haveria aí, nesse caso exemplar, um corte e uma operação anagramática, num campo que seria da letra: corte, anagrama e letra, tudo em uma única operação?

E permanece ainda enigmático *truie* vir a se constituir um S_2 para uma frase S_1 , cuja última palavra é *charcutier*, pois as evidências todas apontariam para *cochon* ou *porc*, no nível semântico – ambos significantes manejados por Lacan, como já foi dito.¹⁴ Não ocorre a ninguém chegar no açougue e pedir: “Hoje vou levar carne de porca”. Quando Lacan diz, no seminário, “*je n’ai dit pas cochon, j’ai dit porc*”,¹⁵ já se anuncia a sutileza da escuta, pois no nível do significante, mas essencialmente no nível da letra, o caminho *charcutier – porc – truie* é lógico, diferentemente de *charcutier – cochon – truie*, pois *cochon* tem o feminino em outro significante, *cochonne*.

O feminino em *truie* e sua pesada conotação pejorativa/sexual apontam para questões do gozo e do empuxo à mulher. O anagrama de um pedaço quebrado de um significante (portanto no registro do Simbólico), teria feito a mudança, ou a passagem de registro para o Real, no nível, ou na instância da letra. Podemos lembrar que nesse período (1955-1958), os três registros do funcionamento da linguagem (a estrutura que essencialmente articula a psicanálise)

ainda não tinham sido pensados em termos de enodamento, embora já tivessem sido enunciados (desde 1953).

Tributária das nosografias psiquiátrica e psicológica, até hoje a psicanálise tem dificuldades em abrir mão das operações de natureza diagnóstica estritas a esses sistemas, comprometendo, assim, uma maior atenção – e mesmo prerrogativa fundamental – aos acontecimentos da fala e da linguagem.

A letra, diferente de significante, cristal da língua: estrutura freudiana. A clínica exige que cada caso seja formalizado tendo em vista sua articulação na estrutura que interessa à psicanálise, ou seja, a linguagem.

Notas

* Psicanalista. Membro do ALEPH - Escola de Psicanálise, Belo Horizonte (MG).
E-mail: <maurocandrade@gmail.com>.

¹ LACAN, (1957-1958) 1998.

² LACAN, (1955-1956) 1992.

³ LACAN, (1955-1956) 1992, p. 59.

⁴ LACAN, (1955-1956) 2001, p. 81. Essa passagem encontra-se, na edição brasileira (citada aqui acima, na nota 1), à p. 60: “*Eu venho do salsicheiro – se me dizem que há alguma coisa para compreender aí, posso certamente articular que há uma referência a porco. Eu não disse porco, disse suíno.*” *Cochon* e *porc* são sinônimos, e traduzem-se mutuamente.

⁵ LACAN, (1955-1956) 2001, p. 81.

Na edição brasileira: “O que se trata precisamente de compreender é porque há alguma coisa que é dada para ser compreendida. Por que ela disse *Eu venho do salsicheiro*, e não *porco*?”, ainda à p. 60.

Vemos aqui uma diferença importante entre as versões do seminário com que estamos trabalhando. O parágrafo seguinte do texto da versão francesa contém toda uma frase que não foi admitida na versão da qual partiu a tradução para a edição brasileira: *Comprenez d’abord que vous avez là la chance unique de toucher du doigt ce que je n’ai pas eu la chance d’avoir dans beaucoup d’autres expériences dans l’examen des malades, et j’insistais sur le moment même – c’est à cela que j’ai limité mon commentaire...* Em uma tradução livre, teríamos: “Compreendam imediatamente que vocês têm aqui a chance única de tocar com os dedos o que eu não tive a sorte de ter em muitas outras experiências no exame de pacientes, e eu insisti naquele exato momento – é nisso que limitei meu comentário...” . Esse parágrafo, na edição brasileira, começa com: “Limitei meu comentário...”.

⁶ E também no texto **escrito** por ele mesmo, Lacan, e publicado inicialmente na revista *La psychanalyse*, v. 4, em 1958, e posteriormente em livro *Escritos*, em 1966: “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. Nesse texto o episódio é narrado de forma muito sucinta, e não deixa margem para as questões levantadas aqui.

⁷ “Eu não disse porco, disse suíno.”, na edição brasileira, à p. 60.

⁸ Para uma visão mais ampla da problemática do *caso clínico* na psicanálise, ver VIDAL, E., “Acerca do caso clínico”, in: *TRANSFINITOS*, 2015, pp. 313-331.

⁹ FIERENS, 2007, p. 34-35.

¹⁰ Algumas das demais personagens de que temos notícias nas informações suplementares sobre o caso da paciente em questão, naquela lição de 07 dez. 1955.

¹¹ FIERENS, 2007, p. 35.

¹² FIERENS, 2007, p. 35.

¹³ Além do “Curso...”, de Saussure, um artigo particularmente emblemático quanto aos dois eixos de funcionamento da linguagem (sincrônico e diacrônico) pode ser encontrado em JAKOBSON, 1999, p. 34-62.

¹⁴ LACAN, 2001, p. 81.

¹⁵ Ver nota 5.

Referências

FIERENS, C. *Logique de l'inconscient - Lacan ou la raison d'une clinique*. Paris: L'Harmattan, 2007.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1999.

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957-1958). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão técnica de Antonio Quinet e Angelina Harari. Preparação de texto de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 537-590. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *Les structures freudiennes des psychoses - Séminaire 1955-1956*. Éditions de l'Association Freudienne Internationale. Publication hors commerce. Paris: I.S.I., 2001.

LACAN, J. *O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. (Campo Freudiano no Brasil).

VIDAL, E. Acerca do caso clínico. *Transfinitos - formações do inconsciente - trilhamentos do desejo*, Belo Horizonte: ALEPH - Escola de Psicanálise, n. 14, 2015, p. 313-331.